

## **Imagens da gênese de uma metrópole: a fotografia de Militão Augusto de Azevedo em São Paulo<sup>1</sup>**

Rafael MANZO<sup>2</sup>

Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, São Paulo, SP

Tássia Caroline ZANINI<sup>3</sup>

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### **RESUMO**

Até 1870, a cidade de São Paulo mais se assemelhava a uma pequena vila com meros 20 mil habitantes do que a gênese de uma metrópole mundial. Foi uma cidade periférica brasileira até o advento da economia cafeeira, a partir das duas últimas décadas do século XIX, assumindo desde então o seu protagonismo na história do país. Em apenas 30 anos, a cidade foi completamente transformada, desde sua materialidade até os hábitos e costumes de seus 240 mil habitantes em 1900 (MORSE, 1954, p.130). E foi justamente neste momento que a fotografia se fez presente como o principal e mais confiável instrumento de registro de todos os aspectos desta revolucionária urbanidade paulistana, sem deixar escapar nenhuma nuance. O presente artigo abordará o papel pioneiro e fundamental do fotógrafo Militão Augusto de Azevedo neste processo, a partir de seu *Álbum comparativo da cidade de São Paulo (1862-1887)*.

**Palavras-chave:** Militão Augusto de Azevedo; *Álbum comparativo da cidade de São Paulo (1862-1887)*; fotografia paulistana; iconografia paulistana.

### **Introdução**

As grandes metrópoles tornam-se cada vez mais conhecidas como alagoes da sociedade contemporânea. São frequentes as críticas ao planejamento das grandes cidades, com discussões, debates acalorados, congressos e seminários, que tentam

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Fotografia do XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo e na Universidade Presbiteriana Mackenzie; doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. E-mail: [rafael.manzo@belasartes.br](mailto:rafael.manzo@belasartes.br).

<sup>3</sup> Professora no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo; doutoranda em Meios e Processos Audiovisuais pela Universidade de São Paulo – ECA/USP. E-mail: [tassiazanini@hotmail.com](mailto:tassiazanini@hotmail.com).

---

elaborar posturas e/ou prognósticos para que, no futuro, as metrópoles possam se aproximar de um modelo “ideal”, minimizando ou mesmo eliminando as atuais mazelas e otimizando o espaço construído.

Tais processos de análise da influência da dimensão urbana na vida das pessoas ocorrem tanto no âmbito do habitante quanto no do especialista, e devem ser uma rotina, quer em países desenvolvidos, quer nos que se encontram em fase de desenvolvimento.

Nota-se que o homem, já decorridas quase duas décadas do século XXI, ainda não consegue ver com clareza qual será ou como será o seu espaço existencial, pois a perda da sua identidade cultural urbana foi uma das consequências do processo de formação das grandes metrópoles.

É possível observar que as imagens registradas no decorrer do tempo, destes grandes aglomerados humanos, exercem um papel primordial para a preservação da sua memória. A partir da iconografia urbana preservada, tem-se a possibilidade não só de recuperar o cotidiano, como, por meio de um olhar mais especializado, efetuar macroanálises urbanísticas que, pela natureza do período analisado, tornam o pesquisador independente da localização espacial (dele ou do objeto).

Deve-se acrescentar que tais documentos permitem também visualizar o presente sob uma perspectiva diferenciada, talvez mais lúcida, permitindo assim uma projeção mais bem direcionada do futuro do ambiente urbano, como aponta o arquiteto e historiador italiano Leonardo Benévolo:

A história de uma cidade não é somente uma contribuição ao conhecimento do passado, que vai aumentar o patrimônio das lembranças históricas, mas permite também considerar o presente numa perspectiva correta, e ajuda a projetar melhor – com maior consciência e responsabilidade – o futuro do ambiente urbano (BENÉVOLO, 1983 apud TOLEDO, 1983, p.7).

São Paulo pode ser vista como um palimpsesto, imenso pergaminho raspado e reescrito inúmeras vezes. Neste fazer e desfazer, o texto sobreposto muitas vezes é de qualidade inferior ao seu original, tal como aconteceu com esta cidade que, reconstruída duas vezes no último século, ainda hoje enfrenta mutações e caminha em tal crescimento desordenado que acaba por ocupar posição de destaque no *ranking* das cidades mais caóticas do mundo.

A perspectiva de dar mais uma contribuição ao entendimento da cidade e das suas características é o fator que induziu o arremeter-se à gênese da metrópole de São Paulo, mais precisamente ao segundo quartel do século XIX, quando o então novíssimo processo de registro, a fotografia, que gradualmente viria a substituir a pintura, passou a captar segmentos e fragmentos da cidade, que a capacitaram como um dos mais adequados instrumentais para estudos da arquitetura e do urbanismo, tanto pelo fator tecnológico quanto pelo seu alto grau de fidelidade.

E o pioneirismo no uso da fotografia com o explícito objetivo de registro das transformações urbanas de São Paulo foi do fotógrafo Militão Augusto de Azevedo. Daí a escolha deste como protagonista da reflexão proposta nesse artigo: são de Militão as primeiras fotografias e o primeiro álbum comparativo de vistas de logradouros da cidade, de 1862 e 1887, respectivamente (figura 1).



Figura 1: *Álbum comparativo da cidade de São Paulo (1862-1887)*  
Militão Augusto de Azevedo, 1887

Militão Augusto de Azevedo (1837-1905), fluminense, estabeleceu-se em São Paulo em 1860, e sua obra é considerada um divisor de águas pelos especialistas em história da iconografia paulistana, visto seu caráter eternizador de uma São Paulo que pouco mudara ao longo de séculos, e que a partir das últimas décadas do século XIX sinalizou a vocação da pequena cidade para grande metrópole do século XX, fornecendo assim à posterioridade uma visão completa daquilo que a obra dos artistas viajantes não permitiu intuir (MANZO, 2001, p.161).

Assim, este artigo discute o papel da fotografia como instrumento de registro das modificações urbanas ocorridas na cidade de São Paulo na gênese do desenvolvimento alavancado pela cafeicultura. Foram selecionadas para este estudo fotografias de logradouros da cidade, em 1862 e em 1887, do fotógrafo Militão Augusto de Azevedo,

---

publicadas em seu *Álbum comparativo da cidade de São Paulo (1862-1887)*, seguindo o critério comparativo, por registrarem os mesmos locais com um intervalo de 25 anos.

O objetivo deste artigo, portanto, é analisar, partindo da obra de Militão, como a fotografia se tornou o principal instrumento de registro da evolução urbana da cidade de São Paulo a partir do final do século XIX, devido ao seu alto grau de fidelidade ao objeto motivo das imagens, destacando-se das outras formas iconográficas. E foi justamente o trabalho de Militão que iniciou este processo, salientando a importância de seu álbum comparativo sobre a cidade.

### **A São Paulo de Militão Augusto de Azevedo**

A Revolução Industrial fez do século XIX o arcabouço das modificações científicas e tecnológicas, caracterizadas pela aplicação das novas formas de energia, como a eletricidade, os derivados de petróleo e o gás. Tivemos o aceleramento do ritmo de vida nas cidades europeias e americanas difundindo o hábito do consumo de produtos estimulantes, como as bebidas gasosas e fermentadas, o chocolate, o tabaco e destacadamente o café.

A cultura cafeeira brasileira se iniciou próxima à corte, no Rio de Janeiro, avançando pelo sul fluminense e entrando no estado de São Paulo pelo Vale do Paraíba, fazendo as primeiras fortunas baseadas no café.

No entanto, foi na região centro-oeste do estado de São Paulo que encontramos as terras excepcionalmente férteis para o cultivo cafeeiro, alçando a produção paulista ao posto da maior do país, e colocando o café como o principal produto de exportação brasileiro. Nas duas últimas décadas do século XIX, o café paulista representava cerca de 75% de todo o mercado mundial do produto.

Esta potencialidade logo atraiu para os negócios os donos do mundo de então, os ingleses. Os financistas britânicos passaram a controlar o mercado internacional, a partir da manipulação da produção brasileira, por meio da compra de toda produção no momento em que as fazendas faziam as colheitas, quando então os preços eram muito baixos, e retendo os estoques, liberado aos poucos, garantindo assim o máximo de lucro.

Para isso, necessitavam de um ponto intermediário para estocar o café antes do envio para exportação no porto de Santos. Era vital para o processo que a estocagem fosse centralizada, assegurando o controle da mercadoria. Como também eram os ingleses os

---

fornecedores de crédito e tecnologia para a instalação da rede ferroviária, estes utilizaram seu poder de pressão sobre a elite política, formada de cafeicultores, para obstruir as intenções expansionistas ferroviárias que não passassem por São Paulo, fazendo assim da cidade o funil obrigatório de toda a produção cafeeira (BRUNO, 1983, p.148).

Os frutos dessa manobra não tardaram a ser colhidos por São Paulo, e rapidamente a cidade começou a ver os desdobramentos da acumulação financeira gerados pela cafeicultura. Surgiram bancos, seguradoras, importadoras e exportadoras, estabelecimentos comerciais os mais diversos, pequenas indústrias, construtoras, empreendedoras imobiliárias, termoelétricas, hidroelétricas, companhias distribuidoras de energia elétrica, e a implantação desta infraestrutura para a cidade. São Paulo tornou-se, assim, um grande canteiro de obras.

A demanda da cafeicultura em contínuo crescimento, e a cidade em expansão, careciam de mãos para dar continuidade a este ritmo. Imigrantes chegavam da Europa, ávidos por “fazer a América”, fosse na agricultura ou nas outras diversas ocupações que a cidade demandava. Em censo realizado pelo governo do estado em 1900, São Paulo era a cidade mais italiana do mundo. Os ouvidos dos tradicionalistas paulistas foram impregnados pela fala cantada dos peninsulares, os *carcamanos*<sup>4</sup>, segundo os próprios paulistas. Sapateiros, alfaiates, queijeiros, funileiros, pedreiros, enfim, um exército de trabalhadores. O próprio arquiteto Ramos de Azevedo afirmava que em suas obras havia por bem entender-se a língua de Dante, se quisesse se entender o que ali acontecia. Os *capomastri*<sup>5</sup> saíam pela cidade, construindo-a a seu modo, dependendo das posses do cliente.

Essa riqueza, porém, era distribuída desigualmente. A associação entre financistas internacionais e os grandes fazendeiros de café e donos do poder político garantia que a maior parte da renda gerada por este ciclo econômico ficasse concentrada neste segmento, constituindo grandes fortunas em um curto espaço de tempo. As necessidades básicas da população eram simplesmente ignoradas; as condições de trabalho, opressivas; a participação política, inexistente, e os casos de descontentamento eram assunto para o aparato policial resolver, segundo as autoridades à época. Como vemos, a metrópole já

---

<sup>4</sup> Corruptela de acalçar a mão. Segundo histórias populares, os comerciantes italianos alteravam o peso do produto na balança, com a mão.

<sup>5</sup> Mestre de obra italiano.

---

surgia como a materialização de uma grande polaridade social, mas também como cenário de oportunidades (MANZO, 2001, p.144).

Todas essas transformações socioeconômicas, políticas e culturais materializaram-se no cenário urbano por meio da demolição da antiga São Paulo barroca, eliminando todos os elementos que a representavam, como as telhas capa/canal, os longos beirais, as paredes de taipa de pilão revestidas com a tabatinga<sup>6</sup>, os muxarabis<sup>7</sup> e as rótulas<sup>8</sup>, por exemplo.

Chegaram as telhas francesas industrializadas, as paredes de tijolos ingleses revestidas com argamassa de areia e cimento *portland* canadense, os balcões de ferro fundido, com suas amplas janelas com vidros alemães e belgas, e uma estética que retomava e misturava diversos estilos arquitetônicos europeus. Era o Ecletismo, com suas mais variadas nuances, do Neogótico ao predominante Neorenascimento italiano. As acanhadas casas de porta e janela e até mesmo os sobradões deram lugar às residências de porão alto, edifícios de até quatro pavimentos, palacetes e grandes teatros, onde a sociedade convivia e se expunha (LEMOS, 1987, p.83).

Inserida nesse contexto, a oportuna figura do fotógrafo Militão Augusto de Azevedo surge como a do homem certo, com a tecnologia apropriada, no momento ideal. Em 1862, ele registrou com sua câmera fotográfica, tal como os cronistas com as suas penas, tudo ao seu redor: gentes, cenas e paisagens urbanas. Inicialmente, podemos dizer que os seus objetivos estavam mais relacionados com o próprio conhecimento das potencialidades daquele invento relativamente novo. No entanto, ao depararmos com as suas primeiras fotografias sobre a instalação da ferrovia entre São Paulo e Santos, podemos perceber que o fotógrafo já identificava as transformações que estavam ocorrendo como indícios de algo muito maior que estaria destinado à cidade de São Paulo.

Até aquele momento, São Paulo não havia sido motivo para a produção de muitas imagens, mas a intuição do fotógrafo se confirmou e se materializou em 1887, com a produção de fotografias dos mesmos logradouros registrados em 1862, para o *Álbum comparativo da cidade de São Paulo (1862-1887)*, publicado neste mesmo ano. Tivemos aí a afirmação de que algo realmente grande estava em andamento, felizmente

---

<sup>6</sup> Argila branca muito comum na área atual da rua Tabatinguera.

<sup>7</sup> Balcão fechado por treliças de madeira, de origem moura.

<sup>8</sup> O mesmo que treliça.

imortalizado pelas lentes de Militão. Afinal de contas, por que o fotógrafo guardaria negativos fotográficos por 25 anos, se não houvesse uma cumplicidade com o destino daquela cidade?

Palavras do próprio Militão, em carta a amigo registrada no *Livro-copiador de cartas* (1883-1902)<sup>9</sup>, confirmam sua expectativa em relação à empreitada que vinha executando: “Estou fazendo um trabalho que julgo ser muito importante, mas talvez pouco rendoso. É um álbum comparativo de S. Paulo antigo e moderno. Tenho os clichês de 1862 e estou fazendo os comparativos atuais” (Carta a Garraux, 21 de janeiro, 1887. In: AZEVEDO, 1883-1902, s/p.).

Assim, o fotógrafo destrinchou o seu modelo, a cidade, com busca de imparcialidade e método, transmitindo às imagens uma certa simplicidade e despojamento, sem, contanto, ingenuidade, pois, da escolha dos locais até o melhor enquadramento, Militão demonstra uma visão crítica quanto ao desenvolvimento urbano em andamento<sup>10</sup>.

O álbum de Militão é composto por 60 imagens de São Paulo: panorâmicas e capturas parciais de ruas, largos e prédios públicos de destaque. Do total, 18 pares de imagens são comparativos e reproduzem, nos mesmos ângulos (ou de forma muito aproximada), imagens de locais fotografados com um intervalo de 25 anos.

O próprio fotógrafo classificou os cenários urbanos capturados como “antigos” e “modernos”, selecionados a partir de 19 locais da cidade que, na sua visão, eram os que demonstravam com maior clareza as transformações em andamento, nas edificações, nas ruas, na infraestrutura urbana e nos personagens destes novos cenários: Largo do Palácio/Colégio (hoje, Pátio do Colégio), Largo São Francisco, Largo da Câmara e Cadeia (hoje, Praça Clóvis), Igreja Nossa Senhora dos Remédios, Rua do Rosário (hoje, Rua XV de Novembro), Rua do Comércio, Rua da Quitanda, Rua da Cruz Preta (hoje, Rua Quintino Bocaiúva), Rua Tabatinguera, Rua da Glória, Ladeira do Palácio (hoje, Rua General Carneiro), Rua do Brás (hoje, Av. Rangel Pestana), Rua da Constituição (hoje,

---

<sup>9</sup> Manuscrito que atualmente pertence à Coleção Militão Augusto de Azevedo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo. O documento, um grande caderno de capa dura, contém cerca de 300 folhas (algumas perdidas); 193 contém rascunhos das cartas e outros escritos; outras 48 estão preenchidas pela tradução parcial do manual de fotografia (que Militão possuía um exemplar) *Photographie en Amérique*, de Lièbert (1884). Ao todo, são mais de 400 rascunhos de missivas e de documentos, como recibos e procurações, que datam de 1º de julho de 1883 a 24 de outubro de 1902 (ARAÚJO, 2006, p.7).

<sup>10</sup> Um antecedente a esse despojamento crítico de Militão é a obra do pintor itiano Miguel Arcanjo Benício de Assunção Dutra, o Miguelzinho, sobre a capital.

---

Rua Florêncio de Abreu), Rua Alegre (hoje, Rua Brigadeiro Tobias) e Chácara do Sr. Charpe (hoje, bairro de Campos Elísios).

Destes, selecionamos seis fotografias, compondo três pares comparativos, para a análise fotográfica proposta neste artigo, todas registradas em 1862 e novamente em 1887: *Ladeira do Carmo e aterrado do Brás, Rua Alegre e Rua do Comércio* (legendas do fotógrafo). Optamos pelas imagens dos logradouros que julgamos mais representativas no que diz respeito ao seu potencial informativo, possibilitando assim mais elementos para a comparação e reconstituição histórica.

Algumas fotografias selecionadas neste recorte do estudo, mais do que outras, possibilitam maior aprofundamento na análise iconográfica, por ser possível levantar mais dados a seu respeito, o que fica visível na análise. Por seu conteúdo rico de informações, outras descobertas ou leituras além das aqui descritas são possíveis. Esperamos que outros estudos as tragam à luz, contribuindo ainda mais à reconstituição das transformações paulistanas aqui relatadas e verificadas.

### **As imagens da gênese da metrópole**

As fotografias dos locais registrados por Militão selecionadas para este estudo foram analisadas com base no método proposto por Kossoy (1988, p.11) em seu livro sobre os registros do estado de São Paulo (capital, interior e porto de Santos) do fotógrafo Guilherme Gaensly (1843-1928) no início do século passado. As reflexões aqui formuladas, portanto, partem da 1) análise técnico-iconográfica e da 2) recuperação iconológica.

A primeira desdobra-se em dois aspectos: a) a determinação dos elementos constitutivos das fotografias (assuntos registrados, autoria da representação, tecnologia empregada) e das coordenadas de situação (espaço: local onde se deu o registro, e tempo: época ou data aproximada da obtenção do registro) e b) a recuperação de informações múltiplas acerca dos elementos explícitos iconograficamente que compõem os conteúdos das imagens (detalhes dos assuntos registrados), com a finalidade de situá-los objetivamente no espaço/tempo e também sob o aspecto material.

Já a recuperação iconológica diz respeito ao estudo das imagens em sua individualidade, complementando, na medida do possível, os textos que as acompanham. Essa abordagem visa a recuperação de informações ligadas aos seus conteúdos, a partir



da conjugação das fontes históricas escritas e fotográficas, e a avaliação dos fragmentos selecionados do “real”, documentados fotograficamente, em relação ao momento histórico num sentido mais amplo.

Consideramos ainda que os procedimentos e a abordagem metodológica aqui empregados complementam-se no diálogo com informações específicas e na compreensão contextual. Ainda que de forma bastante resumida e atenta ao essencial, os tópicos anteriores trazem informações complementares sobre o lugar histórico e social de São Paulo à época, bem como sobre Militão Augusto de Azevedo, autor e obra.



Figura 2: *Ladeira do Carmo e aterrado do Brás*  
Militão Augusto de Azevedo, 1862

As figuras 2 e 3 referem-se, segundo a legenda de Militão, à Ladeira do Carmo e aterrado do Brás, respectivamente nos anos de 1862 e 1887. O local diz respeito à área de ligação entre as duas regiões, sendo que o ponto de vista do fotógrafo se dá da Ladeira do Carmo, o principal caminho para o Brás e para o Rio de Janeiro, tanto em 1862 quanto em 1887; área limite da cidade. Na primeira imagem, é possível perceber a cheia do Tamanduateí, enquanto que, na segunda imagem, o leito do rio está seco. Não temos o registro do mês em que as fotografias foram feitas, para mensurar o curso d’água, entretanto, a legenda proposta pelo fotógrafo, “*aterrado do Brás*”, infere que Militão intentou chamar a atenção para um aspecto que poderia ser considerado satisfatório enquanto elemento de progresso: a solução para as frequentes cheias do Tamanduateí.

Embora ainda não totalmente sanado em 1887, o problema em questão já recebia na época a devida atenção do poder público<sup>11</sup>.

Outros aspectos bastante visíveis na comparação dizem respeito aos edifícios, e, em particular, ao destaque do novo prédio erguido à margem esquerda da rua. A carroça carregando as toras de madeira mostra que o espaço ainda está em construção, nos moldes do Eclesiasticismo, observado nas construções.



Figura 3: *Ladeira do Carmo e aterrado do Brás*  
Militão Augusto de Azevedo, 1887

Já as figuras 4 e 5, respectivamente, dos anos de 1862 e 1887, registros da rua Alegre (hoje, Rua Brigadeiro Tobias), destacam as transformações nos equipamentos urbanos: o chão de terra foi pavimentado; aparece à esquerda da segunda imagem um poste de luz, e o bonde circula por entre as casas agora vistosas, em comparação às anteriores. Também é possível perceber, na segunda imagem, a figura de um engraxate a atender um cliente, no lado direito da foto. Para Sevckenko (2004, p.382), a proliferação de engraxates pela cidade deixa explícita a distinção entre negros e brancos, visto que aos escravos não era permitido calçar sapatos; separação visual bem-vinda em época em que os negros escravos começavam a mudar definitivamente o cenário social da paisagem urbana. Dessa maneira, fica nítido que Militão não se preocupava em demonstrar apenas

---

<sup>11</sup> Ver Frehse (2005).

as transformações nos aspectos urbanísticos e arquitetônicos da cidade, mas também suas transformações políticas e sociais.

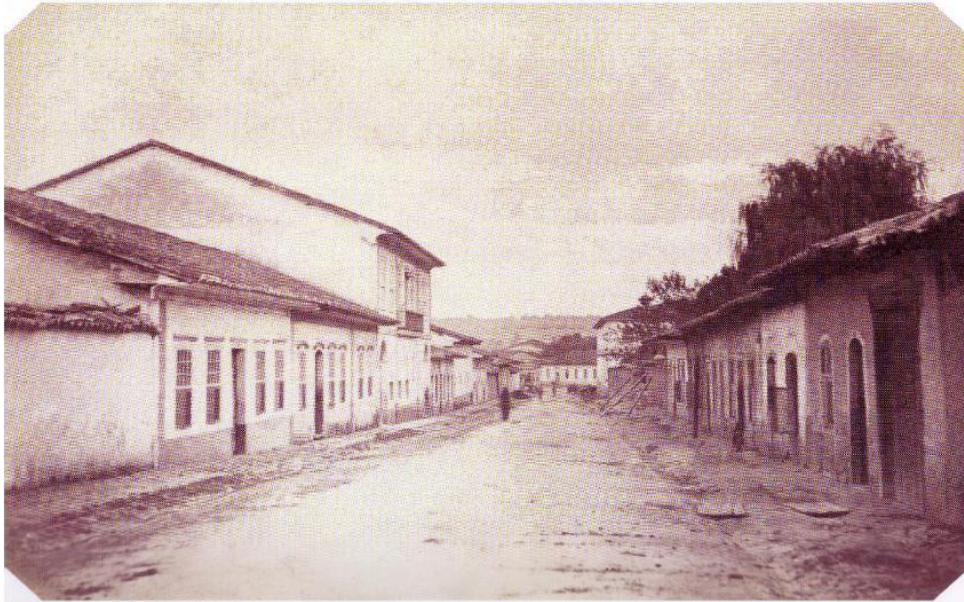


Figura 4: *Rua Alegre*  
Militão Augusto de Azevedo, 1862



Figura 5: *Rua Alegre*  
Militão Augusto de Azevedo, 1887

Já as figuras 6 e 7 destacam a Rua do Comércio, área central da cidade, respectivamente nos anos de 1862 e 1887. Destaca-se, na comparação das imagens, o aumento de circulação de pessoas e carroças, o que indica também o aumento na

circulação de mercadorias. Outro ponto que chama a atenção é o ponto de vista do fotógrafo: a tomada da imagem se dá mais do alto na segunda fotografia, o que evidencia a verticalização do espaço, a partir dos prédios agora de três andares e de tijolos aparentes. Outros elementos presentes na arquitetura dos edifícios também evidenciam sua modernização: as calhas de escoamento da água da chuva, os balcões e adornos nas sacadas e janelas e, sobretudo, a implementação dos letreiros comerciais.



Figura 6: *Rua do Comércio*  
Militão Augusto de Azevedo, 1862



Figura 7: *Rua do Comércio*  
Militão Augusto de Azevedo, 1887

De forma geral, as imagens aqui analisadas demonstram que, neste intervalo tão curto de tempo entre a tomada de uma fotografia e outra, é possível perceber claramente a profunda alteração da paisagem: os aspectos urbanos são totalmente inovados, e as características provincianas são substituídas por ares cosmopolitas, sobretudo na arquitetura. As novas fotografias de Militão, 25 anos após os primeiros registros, exploram as novas feições das velhas ruas principais e dos recém-criados novos bairros. A cidade colonial vai desaparecendo na medida em que ressurgem nas novas construções.

### **Considerações finais**

Até o final do século XIX, o principal parâmetro de qualificação das imagens produzidas pelos artistas era a figuração, ou seja, a fidelidade para com o modelo. A invenção da fotografia em meados deste século contribuiu de forma significativa para a mudança destes parâmetros, uma vez que nenhuma outra forma de representação poderia se igualar ao nível de realismo da imagem fotográfica. Somada à influência de outros fatores, como a criação da psicanálise, a arte iniciou um novo caminho, não mais preocupando-se com o que se via, mas com como se via; não mais com o ver físico do olho, mas com a interpretação das imagens pelo cérebro. Tudo passou a ser relativo, uma vez que cada um “vê” de uma forma. Essa postura justifica a existência de vários movimentos artísticos no curto intervalo das duas primeiras décadas do século XX.

A impressão de que a fotografia seria apenas fruto do trabalho de uma máquina registradora de imagens, sendo conseqüentemente só um aparato tecnológico, é dissipada rapidamente. Desde os seus primórdios, a fotografia teve a marca indelével da ambigüidade, ou seja, era tecnologia, mas podia ser também arte. Registra com fidelidade o modelo, mas pode valorizá-lo ou diminuí-lo dependendo das circunstâncias, do gosto do cliente ou da interpretação do fotógrafo.

Essa abrangência, inicialmente, polarizou profissionais, dependendo da visão que cada um tinha da fotografia, em fotógrafos-artistas de um lado e fotógrafos-registradores do outro. Como vemos, concluímos que esta estrutura subsiste em termos até hoje, sendo o fotógrafo artista o profissional que consegue uma diferenciação do seu trabalho justamente pelo profundo conhecimento técnico e pela consideração da interdisciplinaridade de seu produto.

---

Campo de estudo ainda hoje pouco explorado, a iconografia, enquanto disciplina auxiliar da história, é muitas vezes relegada à condição de ilustração. Este artigo demonstra como a iconografia fotográfica permite novas e profundas abordagens em relação ao estudo da cidade, sobretudo nesse recorte aqui proposto sobre São Paulo e a obra de Militão.

Contudo, para que gozem deste estatuto de documento e fonte histórica, as imagens precisam ser decodificadas, a fim de que possamos extrair ao menos parte de seu potencial informativo, uma vez que se tratam de fragmentos do contínuo: “Elas não ‘falam por si’, apenas mostram em seus conteúdos os fragmentos descontínuos de espaço/tempo que aguardam pela devida interpretação. Devemos animá-las com palavras” (KOSSOY, 1988, p.10).

A iconografia paulistana só ganhou incremento na produção das imagens com a implantação do processo fotográfico. A quantidade de imagens da cidade de São Paulo anterior ao advento da fotografia é considerada insignificante, comparada a de outras cidades brasileiras. A fotografia esteve presente justamente na gênese do crescimento da cidade, onde conclui-se que ela teve papel prioritário no registro das mudanças urbanísticas, arquitetônicas e de costumes ocorridas (SEGAWA, 2000, p.79).

E uma síntese deste contexto foi o trabalho do fotógrafo Militão Augusto de Azevedo, em 1862 e principalmente em 1887, quando ele foi explícito no objetivo. Vários outros fotógrafos também realizaram registros de qualidade e importância nessa época, porém, a intenção e o resultado do trabalho de Militão foram ímpares, pela contemporaneidade buscada e pelo aspecto visionário perante a cidade.

Foi por meio da mais nova tecnologia do registro de imagens do século XIX que a cidade de São Paulo encontrou o caminho para nos legar tão contundentes imagens, que nos transportam a uma parte de seu passado que se queria esquecer naquele momento, e também à outra parte, que era sinônimo do futuro desejado. E por ironia do destino foi um olhar estranho à pátria dos provincianos paulistas que executou esta grande tarefa: o do carioca Militão Augusto de Azevedo.

## Referências

ARAÚJO, Íris Morais. **Versões do “progresso”**: a modernização como tema e problema do fotógrafo Militão Augusto de Azevedo (1862-1902). Dissertação de mestrado em Antropologia. São Paulo, FFLCH-USP, 2006.

AZEVEDO, Militão Augusto de. **Álbum comparativo da cidade de São Paulo (1862-1887)**. Álbum. 1887. Biblioteca do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

\_\_\_\_\_. Carta a Garraux, 21 jan. 1887. **Livro-copiador de cartas**. Manuscrito. 1883-1902. Coleção Militão Augusto de Azevedo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

BENÉVOLO, Leonardo. Prefácio. In: TOLEDO, Benedito Lima de. **São Paulo: três cidades em um século**. São Paulo: Duas cidades, 1983.

BRUNO, Ernani Silva. **História e tradições da cidade de São Paulo**. vol. 3 - Metrópole do café (1872-1918), São Paulo de agora (1918-1954). São Paulo: Hucitec, 1983.

FREHSE, Fraya. Entre largo e praça, matriz e catedral: a Sé nos cartões postais paulistanos. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 5-6, 1997. p. 117-155.

KOSSOY, Boris. **São Paulo, 1900**: imagens de Guilherme Gaensly; análise e interpretação de Boris Kossoy. São Paulo: Kosmos, 1988.

LEMOS, Carlos. Ecletismo em São Paulo. In: FABRIS, Annateresa (Org.). **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel; EDUSP, 1987.

LIÈBERT, Alphonse. **Photographie en Amérique**: traité complet de photographie pratique contenant les découvertes les plus récentes. Paris: Tignol, 1884.

MANZO, Rafael. **A fotografia paulistana**: Militão Augusto de Azevedo. Dissertação de mestrado em Comunicação. São Paulo, Universidade Paulista - UNIP, 2001.

MORSE, Richard. **De comunidade a metrópole**: biografia de São Paulo. Trad. Maria Aparecida Madeira Kerbeg. São Paulo: Comissão do IV Centenário de São Paulo, 1954.

SEGAWA, Hugo. **Prelúdio da metrópole**: arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX. São Paulo: Ateliê editorial, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. De mameluca, mulata e gótica a moderna, cosmopolita e caótica: as metamorfoses de Piratininga. In: FRANCESCHI, Antonio F. **Cadernos de fotografia brasileira**: São Paulo, 450 anos. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2004. p. 381-487.